

2.

Construindo um olhar e uma metodologia para investigar as visões de mundo de trabalhadores técnicos

Os estudos sobre as classes trabalhadoras brasileiras nas Ciências Humanas e Sociais sofreram uma guinada qualitativa e quantitativa após a década de 80, quando muda o olhar sobre esse segmento da população, superando a concepção até então predominante que o caracterizava como *portador de inúmeras faltas*: falta de homogeneidade e coesão, de consciência de classe, de tradição de participação, organização e luta, de instrução... Uma das obras fundadoras dessa guinada foi o livro “Quando Novos Personagens Entraram em Cena”, de Eder Sader, de 1988 e inspirado na ascensão dos movimentos populares do final dos anos 70.

Após esse *boom*, o interesse da academia pelas classes trabalhadoras arrefece nos anos 90, quando se destacam temáticas como a globalização e o neoliberalismo, as novas tecnologias, os estudos de gênero, os temas ligados à questão ambiental. Na academia, a produção sobre classes trabalhadoras parece ter perdido força, provavelmente em decorrência do refluxo dos movimentos de caráter mais tipicamente classistas, a par de uma crescente organização e visibilidade de movimentos sociais mais amplos como o movimento feminino, o movimento ambiental, o movimento negro, as organizações culturais da juventude, dentre outros. Entre os trabalhos que mais aparecem referentes aos trabalhadores estão os que se dedicam ao movimento sindical, focando lideranças, discursos e propostas, e são reduzidos os trabalhos referentes ao trabalhador “comum”, como os de Guedes (1997), Agier, Guimarães e Castro (1995), Guimarães (1998), situados no campo da Antropologia, ou ainda Lima (1996), Martins (1998), Segnini (1998), no campo da Sociologia. No campo da Educação, encontramos um significativo número de pesquisas sobre um segmento dentre os trabalhadores, os professores, suas práticas e representações, seus movimentos, suas trajetórias sociais e profissionais, suas concepções pedagógicas, além de alguns trabalhos sobre alunos de classes trabalhadoras e sobre os movimentos sociais, sua pedagogia, organização e lutas. Ressalta-se em vários desses trabalhos a questão do sujeito sócio-cultural e dos significados por eles conferidos às suas experiências e aos discursos a que têm acesso.

Nossa abordagem acerca dos técnicos de nível médio se inscreve na tradição desses trabalhos e daqueles que os precederam, a saber: estudos que centram sua atenção nas visões de mundo, nas práticas e representações de sujeitos concretos e comuns, em seu diálogo com o contexto em que se encontram inseridos. Esse tipo de abordagem parte do suposto de que a história e a sociedade, bem como os sujeitos individuais e coletivos, são construídos no cotidiano, em ritmos e processos em que permanências e mudanças nem sempre são perceptíveis a “olho nu”. Nesse cotidiano, nas figuras desses sujeitos, gestam-se forças instituintes, reforçam-se algumas idéias e práticas, enquanto outras são recusadas.

Os trabalhadores não são mais personificações da estrutura, nem apenas objetos da exploração do capital, nem apenas produtos das instituições políticas, e nem mais pura realidade empírica que o cientista social trataria de classificar, catalogar, registrar. São sujeitos que elaboram e produzem representações próprias, de si mesmos: como trabalhadores ou favelados ou mulheres ou operários ou tudo isso, dependendo do movimento de vida coletiva na qual constroem sua experiência (Sader e Paoli, 1986:62).

Os seres humanos são ativos ante a realidade: exercitam a reflexividade (Giddens, 1977), buscam sentido para as experiências vividas, apropriam-se, recusam ou ressignificam mensagens, mantendo o dinamismo cultural. Esse movimento é especialmente acentuado na sociedade moderna com a enorme ampliação das oportunidades de trocas materiais e simbólicas com o desenvolvimento dos meios de transporte e comunicações. Os seres humanos são, a um só tempo, frutos dos contextos concretos com que dialogam ao longo de suas trajetórias de vida, e produtores desse mesmo contexto, através de suas escolhas, orientadas por suas crenças e disposições, expressas nos esquemas geradores de suas classificações (Chartier, 1990).

Afirmar que os sujeitos se fazem no cotidiano implica ainda acreditar que é nessa temporalidade contínua do passar das horas, dos dias, dos anos e das gerações que se secretam lentamente as idéias, os valores, os hábitos, os projetos que impulsionam e dão sentido às ações dos atores sociais. Essa temporalidade abarca, portanto, o conjunto da vida. Em nosso caso, significa que, para se compreender o universo cultural, as atitudes e escolhas dos trabalhadores é preciso ir além de um único momento e de espaços circunscritos. Dialogando com as pesquisas predominantes sobre trabalhadores, afirmamos a necessidade de se ir além do mundo da produção e

(...) arrebeitar os muros da fábrica e reconhecer que os indivíduos não são somente trabalhadores, mas trazem para a fábrica a vida fora da fábrica, mediada pelo indivíduo e suas representações e experiências. É necessário que se arrebeite os muros da fábrica não só com a subjetividade do trabalhador, mas por uma caracterização maior do mundo, além do universo da produção (Castro, 2000).

Essa é a abordagem dessa pesquisa sobre a questão da *formação do trabalhador*: aquela que pretende contribuir para ampliar a compreensão dos processos educativos para além dos muros das escolas profissionalizantes, das empresas e dos sindicatos e *incorporar o conjunto das experiências vividas e os significados a elas conferidos pelos que as vivenciam*. Assim, nossos estudos sobre a formação dos trabalhadores ficarão enriquecidos

(...) se incorporarmos estudos sobre o peso de outros tempos e vivências sociais e culturais, sobre a socialização na família, na cidade, na rua, nos espaços de lazer e cultura, nos movimentos sociais, nos partidos e sindicatos, nas experiências juvenis, etc, nos espaços múltiplos, instituídos, legitimados ou invadidos, ocupados em que reproduzimos nossa existência em cada ciclo de nossa vida social e cultural. O tema ficará enriquecido se pesquisarmos que dimensões da personalidade, da subjetividade e identidade, que valores, culturas e saberes, que concepções, condutas e competências esses tempos e experiências múltiplas formam; que relação conflitiva e tensa há entre esses múltiplos tempos e dimensões da formação humana (Arroyo, 1999:34).

Diante desses inúmeros contextos enumerados por Arroyo, os atores realizam o que Evans Pritchard (*apud* Agier, 2001) chamou de uma *seleção situacional*: diante de determinada situação, os sujeitos selecionam, dentre as crenças disponíveis, aquelas que lhes convêm, a partir de critérios oriundos das tradições de sua formação, das experiências atuais e de seus projetos de futuro. Essa idéia é relacionada às concepções consagradas pela Antropologia de ressignificação e sincretismo¹³, também discutida por Canclini sob o conceito de hibridização¹⁴,

¹³ Estou me referindo à idéia de sincretismo segundo Sanchis, que identifica “um processo fundamental, tendencialmente universal ainda que diferenciado em seus graus, níveis e modalidades: o processo de usar relações aprendidas no mundo do outro para entender, modificar e/ou eventualmente transfigurar seu próprio universo simbólico; ou ainda o modo pelo qual sociedades humanas, quando confrontadas – igual ou desigualmente- a outra sociedade, outro grupo social, ou simplesmente outra visão de mundo, redefinem sua própria identidade a partir da alteridade cultural.” (Sanchis, 1994: 38) Ainda que, como podemos ver, esse conceito possa ser aplicado a diversos campos, seu uso tem sido mais observado referindo-se ao campo religioso.

¹⁴ Canclini esclarece que, apesar de usar ocasionalmente os termos *sincretismo*, *mestiçagem* ou outro para designar processos de hibridização, ele prefere este último “porque abarca diversas mezclas interculturales – no solo las raciales a las que suele limitarse ‘mestizaje’- y porque permite incluir las formas modernas de hibridación mejor que ‘sincretismo’, fórmula referida casi siempre a fusiones religiosas o de movimientos simbólicos tradicionales”. (Canclini, 1990: 14-15)

que apontam para um dinamismo da cultura das sociedades complexas industriais modernas para além da dinâmica um tanto mecânica da mera oposição entre coerção e resistência. Muito além de serem coagidos ou de resistirem, os sujeitos podem ainda produzir novos padrões culturais, compondo criativamente novos conjuntos de valores, hábitos, regras, símbolos e ritos, a partir do estoque cada vez mais ampliado a que têm acesso.

Essa concepção do sujeito (individual e coletivo) como atuante sobre o mundo social, construtor e reconstrutor de valores e significados, exige uma nova abordagem nos estudos sobre os trabalhadores e sua formação. Se os trabalhadores, sujeitos inseridos no dinamismo da modernidade tardia, estão em contato com inúmeros valores, projetos e identidades originários de diferentes contextos, grupos e instituições, e produzem sínteses originais a partir desses elementos, então torna-se imperativo conhecer os contextos concretos com os quais dialogam e, diante disso, investigar as sínteses que produzem, que elementos selecionam e os valores que definem os critérios utilizados para essa seleção.

Daí trabalharmos com a idéia de *visões de mundo* dos trabalhadores, no sentido de captar o *mundo conceptual no qual vivem os nossos sujeitos* (Geertz, 1978:35). O campo da Antropologia nos oferece um instrumental teórico-metodológico bastante adequado. Tradicionalmente orientada para o estudo das diferentes culturas, a Antropologia vem desenvolvendo nas últimas décadas uma significativa linha de estudos sobre as sociedades complexas, também focados na questão cultural.

Com toda a sua amplitude e imprecisão, o conceito de cultura aponta para a dimensão simbólica, para a construção histórico-social de significados, de valores e hábitos orientadores dos modos de vida encarnados em símbolos que se prestam à comunicação e celebração. A cultura pode ser vista como um conjunto complexo de códigos relativos à totalidade da vida social que assegura a ação coletiva de um grupo (Lévi-Strauss *apud* Velho e Viveiros de Castro, 1978). A cultura tem um caráter sistêmico, forma um todo coerente de regras de interpretação da realidade que permitem a atribuição de sentido ao mundo natural e social. A cultura é menos a manifestação empírica da atividade de um grupo que o conjunto de princípios que subjazem a estas manifestações, princípios esses inconscientes, ainda que sociais. Essa concepção sistêmica da cultura, entretanto, vem sendo desafiada nos últimos anos pelos estudos sobre sociedades complexas modernas agudizadas

no quadro conhecido como “modernidade tardia”,¹⁵ caracterizada pela mundialização da cultura (Ortiz, 1998), pela compressão espaço-tempo e pela multiplicação das situações de encontros entre diferentes culturas além da realidade, cada vez mais concreta e observável, da *cultura in progress* (Agier, 2002), ou seja, da *produção* cultural que ocorre em múltiplas escalas, desde o indivíduo, passando por grupos, instituições e espaços locais, e chegando até uma escala mundial.

Uma das mudanças em termos de valores no mundo contemporâneo seria o advento da dominância do mundo do lazer e da(s) nova(s) ética(s) aí geradas, com foco na diversão e no consumo, em suas diversas modalidades e estilos, em contraposição à dominância do mundo do trabalho. Segundo Baudrillard (2000), o consumo constitui-se hoje numa imposição moral, numa instituição que carrega todo um sistema de valores com função de integração grupal e de controle social. Renato Ortiz acredita que

quando Heineken, Reebok e Coca-Cola falam do mundo, não se está apenas vendendo esses produtos. Eles denotam e conotam um movimento mais amplo no qual uma ética específica, valores, conceitos de espaço e de tempo são partilhados por um conjunto de pessoas imersas na modernidade-mundo (1998:144).

Muitos autores consideram que a modernidade tardia se caracteriza ainda por um certo paradoxo: de um lado, *o fim do sujeito*, enquanto esgotamento da crença na intervenção histórica, e, de outro, a *intensificação dos processos de individualização*, com a criação do indivíduo autônomo, empreendedor e competitivo (Konder, 2000), responsável “único” por seu próprio destino. Em torno dessas questões está o debate sobre do “fim da história” e, conseqüentemente, das possibilidades dos projetos de emancipação. Apesar das profundas divergências nesse debate, encontramos relativo consenso na idéia da individualização dos valores e projetos na modernidade.¹⁶ Como esses processos estarão impactando nossos sujeitos?

Outra característica desse momento é a adoção de uma atitude cética frente à razão técnica e científica, que na modernidade foi considerada panacéia para todos os males. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento científico e tecnológico possibilitou uma grande diversificação e especialização da produção, o que acarretou uma

¹⁵ Adoto o termo modernidade tardia como em Giddens, Baumann e Hall, por acreditar, com esses autores, ser esse um período que, apesar de apresentar algumas especificidades, não rompe com os pressupostos modernos, como acreditam aqueles que adotam o conceito de pós-modernidade.

¹⁶ Ver, por exemplo, no campo das Ciências Sociais, Bauman (2001) e Touraine (1994).

extrema diversificação interna em diferentes categorias, classes, segmentos e inúmeras profissões. A uma tal diferenciação social corresponde, uma significativa pluralidade de modos de interpretação do mundo. Nesse contexto, os indivíduos participam de forma desigual em diferentes “mundos” com produções simbólicas passíveis de alguma especificidade, e, até, em muitos casos, de antagonismos. Daí a noção de “complexidade” na caracterização dessas sociedades (Velho, 1999) e a necessidade de problematizar o conceito de cultura produzido a partir de pesquisas em sociedades “simples”.

Pretendo analisar visões de mundo e projetos, elementos *constituintes do e constituídos pelo* universo cultural dos atores sociais diante das transformações da modernidade tardia. Para isso, coloca-se a necessidade de uma abordagem do conceito de cultura ou de um novo aparato conceitual que abarque toda essa complexa dinâmica cultural em que as instituições-referência parecem perder lugar, onde identidades são vistas como fluidas, e muitas vezes não mais referidas ao contexto local mas a contextos globais, tais como as regras internacionais do mercado de trabalho, o lazer e o consumo, dentre outras. Sanchis (1996) constata a emergência de um novo paradigma na Antropologia que busca responder aos seguintes desafios postos pelas sociedades complexas contemporâneas ao conceito de cultura:

1. o fim da aplicabilidade da noção de “ilha” a quaisquer culturas, com a conectividade global, com a aceleração dos contatos;
2. o fato de todas as culturas serem postas e dialogarem com a “modernidade”, o “capitalismo” e o “individualismo”, cabendo analisar o tipo de diálogo estabelecido em cada caso;
3. a constatação da fragmentação das culturas, dos diálogos e conflitos intraculturais, mesmo em grupos aparentemente “simples” e coesos;
4. o fato de todas as sociedades serem marcadas por algum tipo de desigualdade, com diferentes subgrupos de status e classes internas;
5. o destaque cada vez maior do indivíduo, ainda que sempre articulado à “globalidade”, à “sociedade”, à “estrutura”;
6. a generalização da idéia de “processo”, segundo a qual a cultura, mais do que um acervo de traços, é um processo intercomunicacional marcado por criação e desaparecimento, estruturação e desestruturação. Por isso, a identidade não mais *é*, mas *faz-se* e *desfaz-se*, inventa-se e reinventa-se constantemente, no processo denominado de *cultura in progress*.

7. a universalidade do fenômeno político, com a questão do poder impondo-se em todos os níveis da vida social;
8. a realidade do “conflito” passando a ser percebida como fundamental na vida social, mesmo nas sociedades “tradicionais” onde os antropólogos destacavam a coesão: homens e mulheres, jovens e velhos, ricos e pobres, chefes e “povo” vivendo essas relações sob a forma de tensões.

A partir dessas reflexões, reafirma-se a relevância de estudos que identifiquem universos simbólicos, captando-os no dinamismo da *cultura in progress*. Não um levantamento de uma estrutura definitiva e estática de valores e normas orientadora da ação, mas uma análise da construção diacrônica e permanente das normas e valores que circulam por um determinado segmento social e dos contextos nos quais eles se forjam e se transformam. O que entendemos, então, exatamente, por “visão de mundo”? Como estudá-la em um segmento de trabalhadores de uma sociedade complexa? Segundo Geertz, o universo cultural de um grupo é composto por uma relação complementar entre *ethos* e visão de mundo adotada por esse grupo, o *ethos* se referindo ao estilo moral e estético, aos elementos valorativos, ao “tom” dessa cultura, enquanto a visão de mundo aos aspectos cognitivos, às explicações produzidas que buscam dar uma coerência, uma elaboração sintética para o estilo de vida adotado.

(...) o ethos torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas real que a visão de mundo descreve, e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica (Geertz, 1978:144).

No quadro do *ethos* e da visão de mundo de seu grupo de referência, inseridos num campo de possibilidades, os indivíduos constroem seus projetos: gozando de certo grau de liberdade, onde se expressam inclusive idiossincrasias, particularidades de cada um, mas, ao mesmo tempo, referenciado no “outro” e no “social”. Velho (1999) enumera algumas características dos projetos:

1. não há projeto individual puro. Os projetos são elaborados e construídos a partir de referências e experiências sócio-culturais, de um campo de possibilidades circunscrito histórica e culturalmente. “Em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais ou dominantes” (Velho, 1999:27);

2. os projetos possuem um caráter consciente, diferente de outros condicionadores da ação não-conscientes. Eles possuem uma forte dimensão reflexiva e oferecem uma explicação que o sujeito faz sobre sua ação e conduta. Isso implica em diferentes dimensões de tempo, a serem captadas: as intenções expressas *antes* da ação e as explicações fornecidas *enquanto* age e *após* a ação;
3. o projeto é algo que pode ser comunicado, não sendo fenômeno meramente subjetivo;
4. os projetos são dinâmicos: mudam e são substituídos, transformam-se de acordo com o desenrolar da biografia dos atores que vivem no tempo e na sociedade, sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio-históricas;
5. os projetos são experimentados pelos atores como únicos e subjetivamente dados a ele, e apenas a ele, num esforço de valorização da experiência individual. Além disso, há sempre algo irreduzível, que está além das explicações a partir de variáveis sociológicas que atuam sobre biografias específicas. Para Velho, isso advém das combinações únicas de fatores psicológicos, sociais, históricos, impossíveis de serem repetidas *ipsis literis*;
6. os projetos mobilizam emoções. Estas são as matérias-primas dos projetos, constituem-nos, definindo que emoções são “próprias e legítimas” e quais são aquelas “impróprias”. Coloca-se a questão: em torno de que é despertada a emoção? Que emoções mobilizam os sujeitos na estruturação e realização de que tipos de projetos?

A categoria *projeto* atua como mediação entre o indivíduo e o contexto, envolvendo tanto os sonhos, os desejos, as necessidades e as angústias individuais quanto os valores, o *ethos* e a visão de mundo dos grupos em que o(s) indivíduo(s) circula(m); destaca-se como importante ferramenta de pesquisa a fim de que possamos captar e analisar as visões de mundo dos sujeitos em suas mudanças e permanências. É o que pretendo alcançar ao longo desse trabalho: rastreando os projetos dos sujeitos investigados, quero oferecer uma compreensão para os tipos de forças e dinamismos que podem ser considerados significativos para os técnicos de nível médio, efetivando-se como elementos de constituição de seus *processos de formação*.

Conforme Velho, para reunir *ethos*, visões de mundo e projetos será necessário trabalhar dentro da tradição antropológica com as diferentes dimensões de temporalidade que os estruturam, sincrônica e diacronicamente, ou seja, as experi-

ências atuais, o contexto e os significados a ele conferidos e as experiências passadas, a história social, de classe, familiar e individual e as perspectivas vislumbradas para o futuro, nos projetos. A perspectiva é a de captar movimentos e transformações que ocorrem com o passar do tempo e das experiências vividas. A partir das considerações acima e das seis premissas enumeradas por Velho, e das reflexões acerca do dinamismo da cultura *in progress* e das forças co-atuantes de permanência e mudança, organizo a pesquisa em termos de entrevistas semi-estruturadas numa linha de “história de vida”, levantando discursos e representações dos sujeitos acerca de suas próprias trajetórias, das experiências vividas e dos projetos que se foram formulando e reformulando ao longo dessa trajetória. Conforme explicitado anteriormente, se entendemos a formação humana como processo que se desenvolve a par do fluir das experiências no tempo (cotidiano), então há que se adotar uma abordagem metodológica que capte esse dinamismo do fluxo temporal. Uma das estratégias utilizadas para tal é a entrevista numa linha de História de Vida. Ainda à procura de captar o dinamismo das estruturas sociais, decidi entrevistar duas gerações de técnicos: uma com 5 e outra com 15 anos de formados como técnicos no momento da entrevista (o primeiro grupo formado em 1986 e o segundo em 1996). Meu objetivo foi captar possíveis transformações experimentadas por essas duas gerações de técnicos com relação às instituições sociais, às mensagens e símbolos a que teriam acesso e às escolhas por eles realizadas diante de tais possibilidades.

Cabe aqui um esclarecimento sobre a decisão de investigar sujeitos individuais inseridos no conjunto das relações sociais envolvidas em seus processos de socialização, e não investigar sujeitos coletivos, movimentos sociais. O foco de meu interesse está justamente nas “pessoas comuns”, procurando captar as relações entre suas práticas e visões de mundo, e aquelas relações oriundas das inúmeras instâncias geradoras de discursos e valores, quer do pólo dominante, quer do popular. Pretendo compreender com que critérios e referenciados em que projetos pessoas comuns qualificadas em nível médio selecionam, na sociedade abrangente, os elementos com que constituem seu modo de vida. Uma abordagem como essa oferece uma compreensão acerca de como os diferentes discursos e práticas sociais — do movimento sindical, da escola, da empresa, da família, das agências governamentais, da mídia, etc — impactam o cidadão comum: se são aceitos, se se comunicam bem, se estão referidos nas reais necessidades e valores

desses sujeitos. Também interessa identificar as direções por onde se constroem seus projetos e os valores em que se baseiam, pois, como alerta José de Souza Martins:

Provavelmente a revolução está percorrendo o tempo e o espaço em que o Estado é mais débil – o do cotidiano e da localidade, em que as classes subalternas estão presentes em subterrâneos e trincheiras de sobrevivência e contestação, lugar e tempo da antiordem (1989:132).

Um outro aspecto importante para a definição do desenho da pesquisa é a necessidade, apontada por Velho, de observar mudanças em visões de mundo e projetos, mesmo de sujeitos individuais, captando a dinâmica da cultura também a nível do indivíduo. Nesse sentido, realizamos, com alguns dos entrevistados, uma segunda entrevista 1 ano após a primeira, e a partir dessa segunda entrevista desencadeamos uma série de contatos a intervalos entre 30 dias a 6 meses, conforme cada situação. Como se verá ao longo do trabalho, isso nos possibilitou relativizar ou reafirmar posições, valores e projetos desses sujeitos, percebendo sua transformação ou confirmação a partir das experiências vividas. Outra decisão metodológica foi a de também entrevistar algumas famílias de técnicos, buscando abarcar um tempo maior nas trajetórias sociais desses sujeitos — as trajetórias familiares, bem como um quadro mais amplo do contexto em que eles se encontraram inseridos desde o nascimento, tanto em seus aspectos materiais (condições de vida, inserção no mercado, experiência migratória e urbana, mobilidade social) quanto culturais (normas, valores e projetos dos grupamentos familiares de origem). Pretendia-se, ainda, coletar dados mais detalhados sobre a infância dos técnicos investigados, cuja memória é, muitas vezes, melhor guardada pelos pais, ainda que com seu viés interpretativo — o que não deixa de se constituir em mais um dado de pesquisa.

2.1.

Definição e descrição geral dos sujeitos investigados — a unidade de análise

Algumas questões práticas estão colocadas: que trabalhadores técnicos estudar? como acessá-los? através de que tipo de contato? A tradição acadêmica dos estudos sobre classes trabalhadoras nas Ciências Sociais define o grupo investigado a partir de um recorte espacial: uma comunidade, um bairro, uma vila ou então uma empresa, e ali desenvolve-se uma etnografia. Senti dificuldade com essa alternativa, porque os técnicos estão muito dispersos pela cidade, e, como têm um ritmo de vida muito intenso, nem sempre têm uma referência na vizinhança. Analisando a literatura na área de Trabalho e Educação, como também estudos de Sociologia da Educação, percebi que nesses predominam os recortes empresarial ou sindical: uma ou mais empresas ou organizações sindicais são escolhidas, e a partir delas realizam-se entrevistas e/ou observações com coleta de dados. Identifiquei também limitações nessa abordagem, pois acessar um trabalhador dentro da empresa, com o consentimento — indispensável para tal — do patrão, interpunha nos dados da pesquisa uma série de interferências. Desconfiava de muitas declarações de trabalhadores em pesquisas realizadas com esse tipo de abordagem.

Optei, então, por um outro canal de acesso: as agências de formação profissional. Os limites das condições da presente pesquisa me impuseram a definição de uma única escola a ser investigada, ainda que um estudo comparativo — abordando, por exemplo, uma escola profissionalizante da rede de Instituições Federais de Ensino Superior (IFETs), uma escola da também rede conhecida por Sistema S (Senai, Senac, Sesi, Senat) e uma escola comunitária ou vinculada a algum movimento social (confederação ou sindicato, associação de moradores, entidades beneficentes etc) me pareceu de grande interesse. Considerando os limites da realidade, estudei duas gerações de técnicos formados pelo Instituto Tecnológico (IT),¹⁷ localizado numa das cinco maiores regiões metropolitanas do país, dotada de considerável dinamismo econômico. Com quase 100 anos de existência, o IT é uma escola profissionalizante de grande renome e tradição na região, e goza de forte prestígio. Famílias de diferentes camadas sociais oriundas de todo o estado

¹⁷ O nome “Instituto Tecnológico” é fictício. Omitiremos, também, a cidade onde o mesmo se localiza, para evitar sua identificação, desnecessária, no caso da presente pesquisa, que está cen-

se organizaram e se sacrificaram nas últimas décadas para mandar seus filhos para estudar no IT.

O tamanho da instituição também nos fala de sua importância. Possuindo, no segundo semestre de 2002, 1.814 alunos matriculados em seus 11 cursos técnicos de nível médio, o IT é a maior escola de formação profissional do estado, tendo uma presença significativa no mercado de trabalho regional através de seus ex-alunos, muitos dos quais migram inclusive para outros estados, a serviço.

Definida a instituição de ensino profissionalizante pela qual iria contatar os técnicos, colocava-se nova questão: como entrevistar ex-alunos de 11 cursos técnicos e lidar com dados de setores da economia tão diferentes como a indústria química, a indústria da construção civil, o turismo, a indústria metal-mecânica, o setor elétrico, o setor de saúde? Optei, então, por definir 3 cursos de áreas tradicionais e próximas entre si: os cursos de Mecânica, Eletrotécnica e Eletrônica. Os técnicos aí formados empregam-se em geral nos setores metal-mecânico, elétrico e telecomunicações, setores de grande importância na economia e sobre os quais possuímos a maior concentração de trabalhos acadêmicos que analisam as relações de produção. Entendia que esses estudos e o meu poderiam se complementar.

Como me interessava conhecer visões de mundo e projetos de técnicos já em pleno diálogo com o mercado de trabalho e a vida social, escolhi buscar técnicos com alguma experiência de trabalho, definindo um mínimo de 5 anos de formados. A fim de poder estabelecer uma comparação entre diferentes momentos históricos, defini 2 “gerações” de técnicos: uma formada no início de 1996, com 5 anos de formação à época do início dos contatos, em 2000, e outra formada em 1986, com 15 anos de formada. Quanto à questão de gênero, procurei manter entre os entrevistados uma representação aproximada do número de mulheres encontradas nas turmas de formandos desses cursos — em geral, muito baixa. Entrevistei, dentre 20 técnicos, 4 mulheres (20%), sendo duas formadas em 1986 e duas formadas em 1996.¹⁸ Segue, quanto ao tipo de curso e ano de formação, um quadro-resumo dos entrevistados.

Quadro 2: Número de sujeitos entrevistados por curso, ano de formação e sexo

trada nas visões de mundo de sujeitos técnicos de nível médio e nas experiências que favoreceram sua construção.

¹⁸ Para se ter uma idéia geral, no 43º Seminário de Estágio, em 1996, formaram-se como técnicos em Mecânica 34 homens e 1 mulher (aproximadamente 3%); em Eletrônica 82 homens e 21 mulheres (25,6%); e em Eletrotécnica 26 homens e 10 mulheres (38%).

Curso Técnico em Mecânica	Formados em 1986	4 homens
	Formados em 1996	2 homens e 1 mulher
Curso Técnico em Eletrônica	Formados em 1986	2 homens e 1 mulher
	Formados em 1996	3 homens
Curso Técnico em Eletrotécnica	Formados em 1986	3 homens e 1 mulher
	Formados em 1996	2 homens e 1 mulher
TOTAL	20 entrevistados sendo 16 homens e 4 mulheres	

Fonte: Entrevistas

2.2. As entrevistas

Nossos sujeitos encontravam-se dispersos pela região metropolitana, não convivendo cotidianamente num mesmo bairro ou qualquer outro espaço físico ou social, inviabilizando a realização de uma etnografia. Trabalhei, então, com entrevistas semi-estruturadas numa linha de História de Vida. Essa abordagem me interessou por favorecer, dentro dos limites dados, a localização do ator social nos contextos sócio-históricos de que ele participa e sobre os quais age ao longo de sua trajetória de vida. Queiroz define a “história de vida” como

o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo (...), [numa narrativa em que] se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar [buscando] captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence (Queiroz, 1988:20).

Essa abordagem se mostra favorável à presente pesquisa por permitir vincular processos históricos e acontecimentos individuais, articulando tempo biográfico e tempo histórico-social. Como meu objetivo era captar visões de mundo e projetos em diálogo com a sociedade abrangente, trabalhei com a *história de vida completa* e não *temática*, utilizando a grande potencialidade dessa abordagem para captar processos de socialização e respostas situacionais a contingências cotidianas (Minayo, 1996). A não-tematização das entrevistas, e até o esforço para não propor temáticas e sim permitir que elas emergissem ou não, ajudaria identificar questões que compõem as visões de mundo dos entrevistados.

As entrevistas iniciavam-se com a questão: “Você poderia me falar um pouco sobre você, sobre sua vida?” Após uma resposta inicial genérica, e onde o entrevistado definia uma imagem, uma referência de sua identidade que julgava

mais adequada à situação — entrevista com uma pesquisadora-doutoranda-professora — convidava o mesmo a contar a história de sua família, desde antes de seu nascimento até os dias atuais. A partir daí, procurava deixar o fluxo do discurso o mais livre possível, apenas pontuando ocasionalmente alguma questão. Obviamente, a realização das entrevistas foi em si mesma um processo de aprendizado, através da releitura das transcrições das falas e de um rigoroso exercício de autocrítica sobre o caráter de minhas intervenções durante as mesmas. As entrevistas exploratórias constituíram-se numa oportunidade para identificar falhas e situações delicadas com que teria que lidar.

Minhas pontuações procuravam levantar informações acerca dos diferentes momentos das histórias de vida, não necessariamente numa ordem cronológica, buscando identificar os diferentes contextos experimentados e os comentários, as representações dos técnicos acerca dos mesmos, bem como o relato sobre práticas e opções que eles foram desenvolvendo diante dessas circunstâncias. As entrevistas foram marcadas por telefone, a partir das listagens de formandos fornecidas pelo IT, dos cursos e anos definidos. Esses contatos foram muito problemáticos no caso daqueles formados em 1986, pois os endereços constantes no IT eram muito antigos e a grande maioria já não correspondia mais à residência dos técnicos. Utilizei, então, outros dois recursos: as listagens de técnicos constantes do banco de dados do CREA, órgão que credencia os profissionais dessas áreas e do serviço de informações da companhia de telefones da cidade. Apesar das dificuldades em localizar um grande número de pessoas, foi possível contatar um número suficiente de técnicos. Esse número foi definido ao longo do próprio trabalho, com o critério da recorrência de dados. Quando esses começaram a se tornar muito repetitivos, entendi que já possuía o suficiente para o tipo de análise pretendido. Foram alcançados 20 entrevistados. Mesmo sendo uma quantidade elevada de personagens para compor a análise e ainda para o acompanhamento do leitor, optei por manter os dados de todos, dada sua riqueza e a condição de estabelecermos maior ou menor recorrência dos mesmos. Obviamente existem dificuldades para o leitor que não conhece pessoalmente os entrevistados em associar cada dado explorado ao quadro de vida mais geral de cada um. Em função disso, serão repetidos alguns dados de referência do sujeito em questão, favorecendo essa associação. Mesmo quando o dado em análise não precise ser obrigatoriamente associado ao conjunto de experiências do sujeito citado, optei por nomeá-lo e fazer a associação, pois

considerarei que, citando os nomes, personalizava os dados e oferecia alguma possibilidade para a associação ao nome de cada sujeito. Para facilitar a compreensão dos dados, segue um breve perfil de cada entrevistado, dados que serão mais cuidadosamente explorados ao longo do texto. Os nomes que aparecem nos “perfis” são todos fictícios e são mantidos ao longo de todo o texto, buscando oferecer uma coerência dos dados relativos a cada um.

Um outro tipo de dificuldade foi a relativa à disponibilidade de tempo dos técnicos para as entrevistas. Foi sempre muito difícil encontrar horários nas apertadas agendas dessas pessoas: grande parte trabalha o dia todo e estuda à noite. Muitos viajam com frequência a serviço. Mesmo os que não estudam à noite, têm família ou outras atividades, muitos moram longe do trabalho e têm dificuldade de locomoção. Várias entrevistas foram desmarcadas por problemas de agenda e vários técnicos contatados disseram ser impossível dispor de 2 horas para uma entrevista, mesmo eu estando disponível a qualquer hora e local que definissem. Alguns me pediram para ligar novamente dali a 4 ou 5 meses, porque “esse semestre está muito apertado”. Algumas vezes obtive sucesso. Uma vez conseguidas as entrevistas, ficou evidente que equacionar a questão do tempo é, talvez, o maior desafio para a maioria desses técnicos.

Os locais das entrevistas foram os mais variados: no serviço, em horário de trabalho (8); no campus da universidade, depois da aula (1); nas dependências do Instituto Tecnológico (4); na casa deles (9); numa reserva ambiental da Região Metropolitana (1); na área externa de um shopping (1). Tive também alguns encontros informais em barzinhos, sem ser uma entrevista, mais próximos de uma “observação participante”.

Recebi algumas poucas visitas de alguns deles que estudam numa universidade privada próxima à minha casa, o que facilitava uma “passadinha rápida” antes da aula; fazíamos um lanche e conversávamos. Mas isso não ocorreu com frequência ao longo dos 3 anos de pesquisa, pois esse é um horário importante e raro de estudo. Houve ainda um churrasco que promovi em minha casa, a título de retribuição pelo tempo que eles me dedicaram. Compareceram a ele 8 dos 20 técnicos. Os demais tinham compromissos familiares ou estudavam para provas da faculdade. 2 técnicos estavam no exterior na data do churrasco: uma, filha de professor universitário, viajava em férias, e outro viajava a serviço da automobilística multinacional onde trabalha. Os pais e mães foram sempre entrevistados em suas

casas, por opção deles. Tive situações e tempos diversos de entrevistas com cada um dos 20 sujeitos entrevistados. Com 13 sujeitos fiz apenas uma entrevista, com outros 4 realizei 2 entrevistas com o intervalo de um ano entre elas. O objetivo desse recurso foi o de proporcionar à pesquisa a oportunidade de relativizar ou confirmar a continuidade das representações expressas pelos sujeitos, retomando-as um ano depois, num outro momento da vida dos mesmos, no qual eles poderiam, inclusive, estar diante de um novo campo de possibilidades. A idéia foi perceber o movimento, a dinâmica das visões de mundo e projetos desses técnicos. Com 3 técnicos, fiz uma série de entrevistas ao longo de 3 anos, com intervalos variáveis, nunca menores do que 3 meses (a fim de permitir que “a vida corra”, que se acumulassem alguns fatos novos que motivassem uma conversa, como também para não me tornar impertinente na invasão de suas vidas) e nunca maiores do que 6 meses (a fim de não deixar acumular muitos fatos a serem relatados e comentados, e nem de perder o contato e a intimidade conquistados). Com relação a esses últimos, entrevistei também o pai, a mãe, ou ambos, conforme o caso. A escolha desses três sujeitos deveu-se, principalmente, ao interesse demonstrado por eles em participar da pesquisa.

Diante de todas as complexas circunstâncias de uma pesquisa qualitativa e a inevitável e ao mesmo tempo rica e desafiadora situação de contato entre pesquisador e pesquisado, propus novos encontros para aqueles sujeitos que se mostrassem pessoalmente inclinados o aprofundamento do contato. Um dos casos interessantes foi o de Roberto. Ele foi um dos primeiros entrevistados, contatado desde a pesquisa exploratória em 2000. Desse primeiro contato, saí muito desapontada, pois ele respondia às questões monossilabicamente, mostrando-se tenso, trêmulo mesmo. Depois de cerca de 1 ano, resolvi procurá-lo novamente, não aceitando aquela entrevista como um fracasso metodológico e levantando possíveis motivos para as dificuldades sentidas. Para minha satisfação, Roberto aceitou que marcássemos nova entrevista. Nesse segundo contato, compareceu um Roberto bem mais relaxado, disposto a conversar, o que abriu possibilidades para vários outros contatos. Um processo muito semelhante aconteceu com os demais entrevistados e, de forma mais contundente, com os outros dois técnicos com quem foram realizadas diversas entrevistas e contatos.

Essas vicissitudes do trabalho de campo nos colocam frente a questões já bastante discutidas por inúmeros pesquisadores que tratam com esse “objeto” sin-

gular: os homens e mulheres e as sociedades e culturas em que vivem. As Ciências Sociais têm trazido com grande frequência ao debate as questões referentes ao sujeito-pesquisador e às interferências de sua presença e de seu instrumental metodológico sobre a coleta de dados. Giddens (1989) é um dos autores que pontuam a questão. Ele indica a operação, na produção de conhecimentos nas Ciências Humanas e Sociais, de uma “dupla hermenêutica” em que se cruzam os significados construídos no mundo das Ciências Sociais e presentes na pesquisa através do pesquisador e os significados construídos no mundo dos leigos, presentes tanto na pessoa dos investigados como também, não nos esqueçamos, na do pesquisador, que pretende tomar como objeto de investigação fenômenos significativos. Cabe ao pesquisador elaborar o que Geertz chamou, na mesma linha, uma “interpretação de interpretações”, também mencionada por Bourdieu (1997) como “um ponto de vista sobre pontos de vista”, o que suscita algumas dificuldades específicas para as quais é importante estar-nos atentos. Primeiro, a necessidade de se conciliar uma grande proximidade do terreno sem se restringir a uma mera descrição, e, ao mesmo tempo, sem se abandonar a uma abstração imaginativa que reduz a pesquisa a mais uma forma de literatura (Sanchis, 1996). Conclui-se pela exigência de avançar teoricamente, construindo o que Geertz denomina de “descrição densa” (1978). Nesse movimento, cruzam-se as subjetividades do investigador e do investigado, definindo circunstâncias como as afinidades e dificuldades de se estabelecer uma situação comunicativa mais ou menos aberta, satisfatória e desimpedida, sem cair, entretanto, na mística da “fusão afetiva” entre eles. Essas afinidades e dificuldades passam por inúmeros fatores, e procurei exercer a vigilância epistemológica ou “reflexividade reflexa” possível (Bourdieu, 1997:694), no sentido de buscar sempre evidenciar para mim mesma o tipo de relação social que estava se constituindo entre mim, pesquisadora, e os sujeitos que interrogava.

A situação descrita acima, vivida com Roberto, impulsionou a dedicação a esse tipo de vigilância: segundo as representações, as visões de mundo de homens e mulheres entre 25 e 50 anos, a maioria filhos de trabalhadores pouco qualificados, oriundos de cidades do interior e que se colocaram no mercado de trabalho formal através de uma formação profissional escolar, numa instituição com grande distinção social e que lhes possibilitou o acesso ao curso superior, em que lugar no mundo são localizadas as mulheres de 45 anos de idade, brancas, professoras uni-

versitárias, estudantes de doutorado na área de Educação? ¹⁹ É necessário ter em mente o lugar na estrutura que meu grupo social — e muitas vezes eu mesma — classifica o grupo investigado, e o lugar, na estrutura social, que o grupo dos investigados classifica o meu grupo, para compreender as prováveis interferências disso em suas e minhas posturas.

(...) tentar esclarecer o sentido que o pesquisado se faz da situação, da pesquisa em geral, da relação particular na qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar as razões que o levam a aceitar participar na troca (Bourdieu, 1999:695).

Os sentidos conferidos à situação de entrevista definirão os “efeitos de legitimidade” através dos quais o entrevistado constrói uma imagem de si, de sua família e do contexto que ele julga ser a mais conveniente naquela situação, frente aos olhos do outro — segundo a compreensão *dele* (informada pela compreensão de seu grupo social) acerca desse outro — que veio entrevistá-lo. Essa vigilância serve para manter o pesquisador “desconfiado de si” e de suas próprias interpretações, sabendo-se capaz de alcançar apenas parcialmente seu objeto, limitado àquelas perspectivas que lhe é dado ver a partir de seu ponto de vista histórica e socialmente construído. Ao invés de uma postura epistemologicamente derrotista, tal perspectiva deve estimular-nos a novas buscas, a criar novas estratégias, a cotejar nossos dados com os de outros investigadores, buscando ampliar nossa visão sobre o objeto.

Para o Roberto, talvez aquela primeira entrevista tenha sido uma tomada de satisfação, através da “professora Suzana”, no sentido de procurar saber o que ele, Roberto, teria feito com a formação que lhe fora oferecida por essa escola. Uma prestação de contas? Uma avaliação? Para outro entrevistado, Robson, a primeira entrevista foi percebida como uma coleta de opiniões dos ex-alunos acerca da qualidade do ensino da escola e das necessidades de reformulação da mesma. Nos momentos em que ele fazia críticas e sugestões aos cursos do IT, ele se voltava para o gravador, aumentava o volume da fala e dava uma entonação de recado, como quando numa conversa falamos mais alto para que um terceiro nos ouça. Através do esforço para perceber o sentido que cada um deles dava à situação de

¹⁹ Lembrando ainda as muitas outras variáveis através das quais os sujeitos se classificam mutuamente, como: preferências de consumo, estilo de vida, uso da linguagem, visões de mundo entre tantas outras. É preciso ainda registrar que essa primeira impressão, um tanto genérica e até grosseira dos entrevistados, não corresponde à situação de todos, ainda que tenha proximidades com a maioria.

entrevista, fui construindo novas referências sobre suas visões de mundo, o lugar da escola, a qualificação profissional, a família, o lazer, suas complexas e contraditórias auto-imagens, e anotando temas e opiniões a serem retomados em outras situações, buscando me aproximar do “terreno”, no sentido de Geertz: essa coisa fugidia, complexa e também carregada de objetividade chamada “real”.

2.3.

Contatos virtuais

O sistema de *e-mails* acabou se constituindo como complemento às entrevistas, não previsto no projeto, e que se concretizou na prática. Dentre as mais de 100 mensagens trocadas nesse período, envolvendo 7 técnicos, aparecem mensagens do tipo “Encaminhadas”, ou seja, textos e imagens originadas de terceiros, consideradas interessantes pelos técnicos e reenviadas a mim. Evitei fazer esse tipo de coisa em relação a eles, para não criar uma imagem a meu respeito muito definadafechada, não favorecendo mais uma classificação de mim a ser somada à que eles já vinham construindo nos contatos. Reenviei mensagens só quando o conteúdo de algum texto ou imagem se referia a temas abordados em mensagens anteriormente enviadas por eles. Outro tipo de correspondência eletrônica trocada foi mensagens de caráter mais pessoal: em geral, eu solicitava algum dado a respeito deles, sempre em mensagens individuais. Solicitei, por exemplo, aos que possuíam *e-mail*, em algumas segundas-feiras, que me contassem o que tinham feito no final de semana anterior. Em outros momentos, solicitei, após entrevista, o esclarecimento de algum dado que tinha escapado no contato pessoal. Dos 4 técnicos que eu poderia denominar como “informantes privilegiados”, apenas 2 possuem endereço eletrônico, e eles foram com quem eu mais troquei mensagens, muitas por iniciativa deles.

2.4.

Contatos telefônicos

Essa foi outra estratégia que se mostrou útil para coleta de dados acerca das rotinas dos técnicos. Mesmo sem ter o tempo disponível para maior aprofundamento como em entrevistas, os contatos telefônicos permitiram que não se perdesse o contato com a forte dinâmica do seu campo de possibilidades. Pude, através dessa estratégia, perceber a constância de mudanças como a decisão de fazer

vestibular ou de trancar matrícula, o ingresso na universidade e o impacto inicial dessa situação na rotina e nas representações de 2 dos técnicos, diversas mudanças ocorridas no trabalho, nos relacionamentos afetivos, no local e nas condições de moradia e os comentários que eram feitos a par dos relatos dessas alterações. Conforme essa dinâmica se mostrasse, e de acordo com as condições de tempo do técnico, agendávamos ou não uma entrevista para falar com mais profundidade da nova situação. Novas entrevistas sempre enfrentavam, porém, grandes dificuldades de agendamento.

2.5. Questionário

Já em fase de redação do relatório final, senti falta de alguns dados objetivos e decidi enviar por correio um questionário solicitando-os. Dos 20 técnicos, entrevistados, para os quais enviei o questionário, tive retorno de 17. Um dos técnicos estava viajando a serviço, um não me deu retorno e um dos envelopes retornou com aviso dos correios de “mudança de endereço”.

2.6. Os sujeitos investigados

Apresento uma breve síntese acerca de cada um dos entrevistados para propiciar uma idéia inicial mais geral dos mesmos e que poderá servir de referência ao leitor ao longo do texto. Todos os nomes são fictícios.

1. Antenor

40 anos, é casado e possui uma empresa que atualmente fabrica torres de telefonia celular a cerca de 40 quilômetros da capital, contando, na época da entrevista, com 45 funcionários. Nasceu no norte de Minas, filho e neto de mecânicos práticos e sempre sonhou com Mecânica, criado que foi brincando na oficina do pai. Aos 15 anos de idade foi para a capital para estudar no IT. Depois disso, voltou para o interior e foi trabalhar com o pai. Casou-se e depois a família mudou-se para a Região Metropolitana. Antenor tem três filhas com 11, 4 e um 1 ano de idade. Até então totalmente absorvido pelo trabalho, ele passou ultimamente a preocupar-se com sua qualidade de vida e a organizar-se para ter mais tempo livre. Ele tem feito vários cursos sobre gestão empresarial no SEBRAE e acha-os muito úteis à sua formação como empresário. Tem três irmãos: uma irmã formada

em Administração, que trabalha com ele, um irmão Técnico Mecânico e uma irmã formada em Letras. Nos finais de semana, Antenor visita ou recebe parentes. Ele freqüentou um centro espírita por alguns anos e diz ter aprendido muito em termos de valores e de respeito ao direito do outro. Preocupa-se com a questão social em termos de assumir algum tipo de ajuda a quem precisa e apoiar principalmente seus funcionários nos momentos de dificuldades. Insiste muito na importância da honestidade e de respeitar os direitos de todos.

2. Danilo

24 anos, filho de técnico formado pelo IT e que se aposentou como operário da Petrobrás. Os pais são separados há cerca de 10 anos. Atualmente mora com o pai e um irmão. Estudou em escolas privadas, sem maior interesse pelos estudos. Adora esportes e já foi federado (inscrito como competidor na federação estadual) como jogador de futebol na infância e como jogador de vôlei na adolescência, por um clube de classe média da capital. Já jogou capoeira, no período em que, desempregado, estudava para o vestibular. Estudou Inglês em cursinhos particulares, na adolescência. Foi para o IT por decisão do pai e formou-se Técnico em Eletrônica em 1996, tendo estudado no período diurno. Trabalha com Instrumentação numa distribuidora de energia desde 1998, quando foi aprovado num concurso. Esse foi o seu primeiro emprego como técnico. Até pouco tempo trabalhava em regime de três turnos e tinha que conciliar o trabalho com as aulas à noite, na universidade privada onde estuda Engenharia Elétrica. Não tem namorada e gosta de sair para barzinhos e danceterias da “zona sul” (área nobre) com colegas de faculdade, de assistir filmes de ação, de programas de esporte na TV e só lê a parte de esportes dos jornais, dizendo-se “alienadíssimo”, sem nenhum interesse por política. Não tem acesso à Internet nem tem TV a cabo. Dentre os 20 entrevistados, é um dos 3 com perfil mais característico das camadas médias urbanas, ainda que os pais não tenham curso superior.

3. Edgard

53 anos, é o mais velho dentre os entrevistados. Um dos 9 filhos de um camelô, foi criado em condições muito humildes. Fez o antigo primário em escolas públicas e entrou para o então primeiro ano do ginásio no IT aos 11 anos em 1962. Durante os estudos no IT pegava uns “bicos” consertando carros, fazendo cabeamento em instalações prediais e chegava a ganhar mais do que o pai. Trabalhou por 30

anos, desde sua formatura no IT, em 1968, como Técnico em Eletrotécnica, numa empresa de telefonia. Frequentava as assembleias sindicais mas não participava das greves porque achava o pessoal do sindicato muito radical. Saiu da empresa dois meses antes de se aposentar, através de um plano de demissão voluntária. Desquitado, tem um filho do primeiro casamento que tem 27 anos, trabalha num escritório de advocacia e faz cursinho pré-vestibular, e uma filha da união atual, que quer fazer a seleção para o IT no próximo ano. Edgard se diz muito fervoroso, tentou frequentar várias religiões mas critica todas elas e não permaneceu em nenhuma. Acredita que o maior problema do país é o desemprego, causado pela má utilização da tecnologia pelos grupos influentes e pelas terceirizações. Outro grave problema que aponta é a “roubalheira” dos políticos. Edgard gosta muito de fotografia. Já foi dançarino fanático que não perdia um baile, mas ultimamente parou. Hoje prefere ficar em casa, cuidar da horta, fazer uns consertos. Adora MPB e música clássica, que ele aprendeu a gostar com uma professora de música do IT.

4. Ednardo

39 anos, nascido no interior do estado, onde estudou até os 16 anos, quando veio para a capital tentar o vestibular no IT, em 1977. O pai é taxista e a mãe era professora da rede estadual, aposentada. Estudou no IT no diurno e concluiu o 3º ano em 1979, só realizando o Seminário de Estágio em 1986. Casou-se dois anos depois, no mesmo ano em que formou-se em Engenharia. Continuou trabalhando como técnico na mesma empresa por mais dois anos até conseguir sua reclassificação para o nível de engenheiro. Exerce hoje um cargo de chefia e ganha um salário-base de R\$ 3.300,00 mais acréscimos de periculosidade, chefia e outros, correspondendo a um total de cerca de R\$ 4.500,00 (em 2001, data das primeiras entrevistas). Tirados os descontos, ele recebe cerca de R\$ 2.600,00. Ednardo cursou uma pós-graduação (especialização) em Gestão Estratégica, pela universidade federal. Tem três filhos e a esposa é professora do Ensino Médio na rede estadual. Reside em apartamento próprio em bairro típico de trabalhadores qualificados num município industrial da Região Metropolitana e possui uma casa de campo. Católico não-praticante, parou de jogar futebol “por causa da idade” e gosta de nadar e de levar os filhos ao cinema, teatro e ao shopping que fica perto da casa deles. Aluga filmes com frequência em vídeo-clubes, porque, com crianças pequenas, acha difícil sair muito de casa. Possui computador com conexão de Inter-

net em casa, muito usada pela filha de 8 anos. Os filhos estudam em escolas privadas. Ednardo acessa diariamente a Internet no serviço, onde lê manchetes de jornais e faz algumas consultas técnicas. Seus irmãos hoje são: uma professora da rede estadual; um balconista no interior, que completou o antigo 2^o grau; um engenheiro civil que tem uma firma própria de reformas e construções.

5. Fernando

29 anos na data da primeira entrevista, Fernando é filho de migrantes, ex-lavradores. O pai foi camelô e depois vendedor em loja de calçados. A mãe trabalhou como doméstica. Ambos eram semi-analfabetos e tiveram oito filhos. O pai foi líder comunitário e presidente da associação de moradores da favela onde ainda hoje reside a família. Fernando vendia sorvete e picolé nas portas das fábricas, desde os 12 anos. Passou a trabalhar na indústria aos 16 anos, quando se formou na 8^a série e como Auxiliar de Caldeireiro pelo SENAI. Aos 20 anos ingressou no Curso Técnico em Mecânica do IT por iniciativa própria. Nesse mesmo ano (1992), a namorada engravidou e eles se casaram, indo morar nos fundos da casa dos pais, onde residem atualmente. No final do mesmo ano conseguiu emprego como caldeireiro numa empresa metalúrgica alemã de grande porte, onde trabalha até hoje na área de controle de qualidade, percebendo um salário de R\$ 1.103,00 (em 2000, data da primeira entrevista). Faz Engenharia Mecânica à noite numa grande universidade privada e vem passando por diversas situações de trancamento de matrícula, em função das dificuldades de arcar com a mensalidade do curso. É muito politizado e profundamente bem informado mas não participa de nenhuma associação ou sindicato, apesar de conferir muita importância a eles. Sempre votou no PT nas eleições presidenciais. Gosta de ler e de dançar forró, mas não tem tempo livre. É católico não-praticante, a esposa é evangélica pentecostal.

6. Hugo

Aos 34 anos, é engenheiro de uma grande siderúrgica multinacional, onde trabalha desde que se formou técnico em Mecânica no IT, em 1986. Ocupa hoje um alto posto de chefia, onde recebe R\$ 3.800,00. Filho de um vendedor lojista e de uma dona de casa, foi criado num bairro popular da capital, tendo estudado sempre em escolas públicas. Casou-se durante o curso de Engenharia. A esposa hoje é supervisora de vendas e faz faculdade à noite, sendo que, nesse horário, ele assume as duas filhas, a quem ele se diz profundamente ligado. À noite, em casa, passeia um

pouco pela Internet, gosta de dar uma olhada em algum *site* de sexo ou então de trabalhar com as despesas da família em planilhas eletrônicas. Fica horas *zapeando* a TV, sempre insatisfeito com a programação. Não tem TV a cabo. Gosta de ler livros sobre educação infantil, mas lamenta que tenha pouco hábito de leitura. Sofre inúmeras pressões na empresa por produtividade e também nos momentos em que são ordenadas demissões por queda de encomendas. Ele sofre enorme tensão interna em função dessas situações, muito freqüentes, acreditando que a empresa trai seu compromisso com os trabalhadores. Também sente muita pressão para estar sempre atualizando seu currículo a fim de manter-se no nível alcançado. Valoriza a religião. Já freqüentou o espiritismo e lamenta ter-se afastado. Encontra aí espaço para exercer alguma solidariedade humana e apoio para as horas difíceis. Seus amigos hoje são praticamente os mesmos da infância, além de alguns da empresa onde trabalha. Freqüenta bastante as casas dos parentes, seus e da sua esposa, alguns em cidades do interior.

7. Isadora

22 anos, filha de um professor universitário e uma psicóloga, Isadora estuda Psicologia na universidade federal, depois de ter feito 5 períodos do curso de Engenharia Mecânica, que abandonou. Estudou em escolas privadas até ingressar no IT, onde se formou técnica em Mecânica em 1996. Seus amigos hoje são, a maior parte, colegas do IT, todos homens. Ela é a única do grupo que só estuda e não trabalha. O programa do grupo é sair para barzinhos ou para a casa de um deles. Acredita que adquiriu muitos conhecimentos no IT, principalmente um ritmo de estudo que nunca mais viveu, nem mesmo no curso de Engenharia. Isadora parece concentrar seus projetos no curso de Psicologia, não se preocupando muito ainda com passos posteriores. Conhece o exterior, para onde viaja ocasionalmente, uma vez que o pai é francês e a família tem parentes na Europa.

8. José Paulo

44 anos, José Paulo é formado em Mecânica pelo IT em 1986, é casado e pai de 2 filhos, com 19 e 10 anos de idade. Sua esposa é uma de nossas entrevistadas, Sônia, também formada pelo IT. Seu pai era um ferroviário humilde, e a mãe dona de casa. Teve uma infância pobre junto com outros cinco irmãos. Depois de ter trabalhado, sempre com manutenção mecânica em diversas empresas da capital e no interior, ingressou há dez anos numa companhia de tratamento e distribuição

de água onde é Supervisor de Manutenção. Adora acampar com a família, o que faz com frequência. Usa a Internet, principalmente para pesquisas técnicas, é viciado em “planilhas eletrônicas”, fazendo registro minuciosos dos gastos da família e do carro. É espírita, atualmente não-praticante. Formou-se Tecnólogo há cerca de 3 anos e lamenta não ter feito o curso superior há mais tempo. Dos 5 irmãos, 4 estudaram no IT e apenas 2 não fizeram o curso superior. Já participou de uma greve metalúrgica, tendo sido demitido e teve enormes dificuldades de conseguir outro emprego no ramo. Sempre havia sido muito alienado, até que um conhecido iniciou-o numa outra visão de mundo, quando então assumiu maior participação sindical. É eleitor do PT, votou no Lula nas eleições de 2002 e tem esperanças de que algo possa melhorar, apesar da dependência externa do país.

9. Leopoldo

23 anos, Leopoldo é filho de uma funcionária da universidade federal semi-alfabetizada e teve uma infância muito humilde. Sempre gostou de estudar e diz que foi, na infância, “mais intelectual que esportivo”. Formou-se técnico em Eletrônica no IT em 1996, ficou um ano desempregado e trabalha hoje no almoxarifado de uma prestadora de serviços de televisão a cabo (instalação e manutenção), onde ganha R\$ 600,00. Admira profundamente o patrão e acredita que todos que são esforçados e competentes têm oportunidade de crescer profissionalmente. Lamenta conhecer muito pouco de Informática, tanto na parte de *hardware* quanto programas. Nunca *navegou* na Internet. Mora com a mãe e dois irmãos na casa da avó. Tem TV a cabo em casa e adora assistir a MTV, a programas científicos e ecológicos, desenhos, filmes de terror e programas com cenas de perigo. Adora traduzir letras de músicas em Inglês e prefere o *rock*. Tem contato com quase todos os colegas do IT e adora os churrascos organizados pelos colegas de empresa. Atualmente sonha em obter a carteira de motorista, acreditando conseguir com isso uma melhor posição no mercado de trabalho. Também quer fazer um curso superior, pois sente que as pessoas com curso superior são mais respeitadas.

10. Luiza

29 anos, Luiza é supervisora de Manutenção em uma empresa que comercializa e fornece serviços de manutenção em equipamentos para distribuidoras de energia elétrica. Formou-se em 1996 como técnica em Eletrotécnica pelo IT. Estudou sempre em escolas públicas. A mãe é técnica em Enfermagem e Luiza é filha úni-

ca. Nunca mencionou o pai. Quando Luiza ingressou no IT, já era estudante de Engenharia e sentia falta de uma base mais prática para acompanhar o curso, o que a levou a procurar o curso técnico. Continua estudando Engenharia à noite no IT. Luiza tem um namorado, mas vive uma crise no relacionamento onde uma das questões em discussão é sua carreira profissional. Ascendeu rapidamente dois ou três níveis no trabalho, com enorme envolvimento, mas, a partir daí, sente que estagnou. A dificuldade de continuar ascendendo parece começar a abalar um pouco sua prioridade total e exclusiva ao trabalho, mas ela ainda sonha em aperfeiçoar o seu Inglês e fazer uma pós-graduação na área de gerenciamento. Adora fazer compras em *shoppings*, freqüentar salões de beleza e costuma ir ao cinema, mas seu programa preferido é ficar em casa, arrumar o quarto, fazer tarefas domésticas. Sua melhor e praticamente única amiga é uma prima. Ela passou a freqüentar um clube, aos domingos, perto de casa, depois de uma estafa, mas não tem nenhum conhecido ali, nem pratica esportes. Toma sol e lê algum livro de ação que, segundo ela, ajuda a desenvolver o raciocínio estratégico.

11. Marilton

30 anos, nascido e criado no interior, filho de pequenos proprietários, Marilton passou a infância na roça, tendo mudado para uma cidade próxima quando o pai morreu. É técnico Eletrônico de uma grande siderúrgica multinacional, onde ingressou aos 15 anos como aprendiz, quando veio para a capital, sozinho, para esse fim. Trabalha com manutenção de PLC. Formou-se no IT em 1996, casou-se logo depois e tem duas filhas pequenas. Freqüentou a escola do Sindicato dos Metalúrgicos, onde se iniciou nas concepções socialistas, que defende até hoje. Freqüentou as reuniões semanais de um grupo socialista durante 5 anos, porém cansou-se das brigas internas do PT e afastou-se, continuando, entretanto, eleitor fiel do partido. Fez greves, mas nunca participou ativamente dos movimentos, limitando-se a não ir trabalhar. Freqüentava muitos shows, rodeios no interior e festas populares, mas ultimamente anda bastante caseiro e entediado. Gosta de MPB, já foi viciando em alugar filmes para assistir em casa, e diz que se cansou. Decidiu recentemente retomar os estudos e ingressou no curso de Engenharia. Odeia computador (com o qual trabalha o dia todo) e Internet. Acha os brasileiros alienados da política, inclusive os técnicos recém-formados que só pensam em computador e não acompanham, por exemplo, as votações no Congresso.

12. Marcelo

Aos 42 anos, é filho de professores universitários e teve uma infância e adolescência típicas de classe média, tendo estudado em escolas particulares até ingressar no IT. Formou-se técnico em Mecânica em 1977 e ingressou imediatamente no mercado de trabalho. Começou o curso de Engenharia mas interrompeu por motivo de trabalho. Trabalhou em algumas empresas até ingressar na grande montadora de automóveis em que trabalha, em 1987. Hoje tem um alto cargo de gerência, mesmo não tendo feito até então o curso superior. Conquistou-o destacando-se por sua competência na racionalização da produção e na capacidade de gerenciamento de pessoas. A empresa está investindo em sua formação para postos ainda mais elevados. Terminou o curso de Tecnólogo durante a pesquisa. É casado, tem dois filhos e se diz muito ligado na família atual. É muito sociável e organiza com frequência churrascos em sua “casa com piscina, sauna e salão de jogos” freqüentada pelos amigos da empresa, da Maçonaria e dos tempos de infância. Adora viajar nas férias e desfila a mulher em escolas de samba do Rio de Janeiro.

13. Olacir

26 anos, nascido na capital, filho de migrantes do interior do estado, Olacir foi criado num bairro de periferia, onde estudou em escolas públicas. Filho mais velho de seis irmãos, franzino e tímido, sempre foi estudioso. Formou-se técnico Eletrônico no IT em 1996 e trabalha como técnico em laboratório de testes de uma fábrica de equipamentos de informática (*no-breaks*) na Região Metropolitana. Mora com a mãe, viúva, e os irmãos e pertence a uma seita religiosa evangélica que, segundo ele, não tem denominação nem sede. Sua vida fora do trabalho é quase que inteiramente dedicada às atividades com esse grupo, que considera como sua família. Tendo tido muitos problemas de relacionamento devido à timidez, acredita que começa a superá-los com a participação no grupo religioso. Olacir diz que prefere entender as dificuldades por que passa o mundo moderno — guerras, ameaças ambientais, miséria etc — como conseqüências do afastamento dos homens de Deus e não como fenômenos políticos ou econômicos. Formou-se, durante a pesquisa, em Biologia pela universidade federal. Ao fazer recentemente o estágio referente à prática de magistério da licenciatura numa escola pública do bairro em que mora, mostrou-se chocado com a postura dos alunos que “não se interessam por nada e nem deixam os professores darem aulas”. Espera sair da

indústria, onde avalia que o cotidiano é muito pesado, premido por exigências de produtividade. Seu grande sonho hoje é casar-se, pois enfrenta um enorme desejo de carinho mas sua religião só o permite dentro do casamento.

14. Roberto

Aos 27 anos, Roberto é filho de um metalúrgico e de uma dona de casa vindos do interior. Teve uma infância muito pobre, apesar do pai ter um “bom emprego”, devido ao fato de este ser alcoólatra. Trabalhou num shopping até formar-se no IT como Técnico em Eletrônica, em 1996. Trabalha atualmente numa fábrica de autopeças ligada à cadeia produtiva de uma grande montadora multinacional, onde faz a manutenção de máquinas injetoras de alumínio, trabalhando em rodízio de turnos. Tem vivenciado grandes conflitos na linha de produção, desde que se formou, motivados principalmente pelo relacionamento com as chefias. Nunca participou de greves nem de assembleias do Sindicato dos Metalúrgicos, ao qual é filiado. Tendo assumido esse lugar recentemente, teme ser demitido e constata que na área de manutenção, nenhum trabalhador participa de movimentação sindical, até porque a empresa é extremamente repressiva e ameaçadora. Solteiro, não tem namorada e mora com os pais. Tem um carro, uma linha pessoal de telefone e uma assinatura mínima de TV a cabo (reduziu seu “pacote” recentemente por economia). Assiste programas de TV aberta e *navega* pela Internet, principalmente em *sites* de equipamentos de telecomunicações; não gosta de salas de *chat*, mas chegou a conhecer uma garota de São Paulo através de uma delas. Gosta de cinema, sai pouco para barzinhos e gosta de esportes mas não tem tido tempo ultimamente para praticá-los. Gosta de ir a festas no interior, em geral shows, feiras agropecuárias ou festas “de peão”. Antes de ingressar na universidade, praticou natação e fez um curso de forró. Investiu recentemente todas as suas economias na reforma da casa dos pais. Durante a pesquisa, fez vestibular para Matemática, depois de ter sido reprovado em Engenharia. Pretende casar-se e ter filhos. Frequentemente uma igreja evangélica com a mãe e diz só não abraçar essa religião devido às rigorosas regras quanto ao namoro.

15. Robson

Aos 31 anos de idade, Robson é técnico em Eletrotécnica e trabalha a cerca de 4 anos numa grande siderúrgica multinacional localizada na região metropolitana, não como técnico, mas como eletricitista, ganhando pouco menos de 4 salários mínimos por mês. Antes disso, Robson havia sido *office-boy* e auxiliar de escritório e resolveu mudar de área para abrir melhores perspectivas de futuro. Fez então o curso técnico no IT e ingressou na indústria, seu maior sonho de então. Robson é um estudante incansável. Depois do curso técnico do IT, fez mais dois outros, no SENAI: um curso pós técnico de Controle de Processos Industriais e outro curso técnico de Telecomunicações. Ele diz que adora estudar e não pretende parar jamais de fazer cursos. Estudante atento, compara escolas, professores e metodologias e faz críticas e sugestões para a melhoria dos mesmos. No período da entrevista, a maior luta de Robson era para ingressar na universidade e ele via seus planos frustrados pela reduzida oferta de cursos noturnos nas universidades públicas, especialmente nas áreas técnicas. Filho de um balconista de drogaria e uma dona de casa, Robson sempre foi estudioso e começou a trabalhar aos 15 anos, num programa de encaminhamento de menores ao trabalho. Robson ressentia-se de usufruir muito pouco da cidade, pois seu salário não lhe permite circular mais e ter acesso às possibilidades culturais aí existentes, quase sempre pagas. Além disso, vive exausto da dupla jornada diária de trabalho e estudo, acrescida de freqüentes convocações para horas-extras nos finais-de-semana. Também está insatisfeito pela falta de oportunidades de melhoria no trabalho, apesar de todo o seu genuíno esforço e dedicação. Constata, desanimado, que o padrão de vida dos operários qualificados, seus colegas, vem caindo progressivamente e, não vendo muitas perspectivas de futuro na indústria, fez, durante a pesquisa, vestibular para Pedagogia. Nenhum de seus irmãos chegou a ingressar em curso superior. Sua principal opção de lazer é acampar.

16. Sônia

Casada com José Paulo, Sônia tem 45 anos e dois filhos, de 18 e 10 anos de idade, ambos estudando em escolas privadas. Filha de família humilde Sônia começou a trabalhar aos 14 anos como costureira. Formou-se Técnica em Mecânica no IT em 1976 e trabalhou muitos anos na indústria metalúrgica como desenhista técnica, tendo participado de várias atividades sindicais, inclusive de greves e piquetes. Recebeu sempre salários abaixo daqueles pagos aos companheiros homens que

executavam o mesmo trabalho, achando isso “normal” durante algum tempo, pois já considerava um “privilégio” para uma mulher conseguir um emprego como esse. À medida em que amadurecia, Sônia passou a não se conformar com essa diferença salarial e entrou na justiça contra a fábrica de autopeças, multinacional, em que trabalhava, pedindo equiparação salarial com os homens. Foi então demitida e nunca mais conseguiu emprego na indústria. Trabalhou então como caixa de loja, arquivista e auxiliar administrativo de escola. Fez um curso superior de Matemática numa escola privada e depois de alguns anos de formada conseguiu, quase ao final dessa pesquisa, aprovação em um concurso para professor de escola municipal. Ela hoje sente-se insegura frente à nova profissão e tem dificuldades de aceitar que não trabalhará mais como técnica. Sônia tem uma visão muito crítica da realidade do país e do mundo e mostra-se uma pessoa bem informada e interessada na conjuntura política e econômica em que vive. Sônia, como Luiz Paulo, é espírita e também adora acampar.

17. Solange

Aos 38 anos de idade, casada com um taxista com quem tem duas filhas de 11 e 8 anos de idade, que estudam em escola privada. Formou-se Técnica em Eletrotécnica pelo IT em 1980 tendo trabalhado por 6 anos como montadora de painéis elétricos numa fábrica da capital. Solange trabalha desde 1986 na distribuidora de energia da Região Metropolitana. Enfrentou algumas dificuldades iniciais na área por ser mulher, mas foram logo superadas e hoje sente-se inteiramente integrada. Ganhando um salário correspondente a 10 salários mínimos, Solange se diz satisfeita com o emprego atual. É totalmente dedicada às filhas e à família – mãe e irmãos, morando num prédio cujos demais apartamentos são todos ocupados pela família. O marido, assim como seu pai, é taxista. Solange gosta de tocar órgão, apesar de sobrar-lhe pouco tempo para isso. É espírita, assim como a maioria de sua família e gosta de levar as filhas ao teatro e ao clube da PM nos finais-de-semana. Sempre foi estudiosa, uma verdadeira “caxias”, segundo ela mesma. Diante da conjuntura do país, marcada, segundo ela, por violência e analfabetismo, ela prefere “afastar-se, para não sofrer”, pois acredita que hoje, “o mal está maior do que o bem”. Entre seus 3 irmãos, 2 são formados em curso superior mas nenhum atua diretamente na área em que se formou, assim como ela, formada em Matemática.

18. Vitoldo

Nascido e criado numa cidade-dormitório da Região Metropolitana, Vitoldo tem 36 anos e formou-se Técnico em Eletrotécnica pelo IT em 1986. Trabalha na distribuidora de energia da Região metropolitana desde 1986, onde recebe 8,8 salários mínimos. Formado em Administração de Empresas desde 1992, nunca trabalhou na área. Na empresa, é contratado como técnico e não viu reconhecido seu diploma universitário, com o que sente-se muito frustrado. Freqüenta atualmente um curso de pós-graduação em Gestão de Negócios com financiamento parcial da empresa em que trabalha. Casado desde 1994 com uma costureira que tem o curso médio, toda a vida social de Vitoldo permanece centrada na cidade em que ele – e também a esposa, nasceram, onde passam todos os finais-de-semana. Vários de seus irmãos também estudaram no IT e formaram-se em cursos superiores. O mesmo não aconteceu com muitos de seus amigos, companheiros desde os tempos de infância, que inclusive gostam de fazer piadas com o fato de ele ter estudado tanto e não ter tido tantos benefícios com isso. Quase todos, formados no IT, trabalham em grandes empresas do setor metal-mecânico. Atualmente pensa em conseguir algumas aulas numa faculdade, terminando o curso de Especialização. Vinicius já participou de diversos movimentos sindicais, inclusive de greves, mas atualmente sente-se um tanto omissos. Destaca, na realidade do país, a questão da desigualdade na distribuição de renda e os altos impostos pagos pelos trabalhadores, quando os ricos são desonerados. Vinicius lida hoje com várias dívidas com empréstimos diversos, na empresa, no cartão de crédito, feitas em função de gastos como a reforma do apartamento (não terminada), a compra de uma máquina fotográfica profissional e de um carro usado, o pagamento da escola privada do filho, a mensalidade do curso de pós-graduação.

19. Walmir

Aos 33 anos de idade, Walmir trabalha numa empresa grande multinacional de telecomunicações. Ganha aí cerca de 7,5 salários mínimos. Também estuda Engenharia, à noite, numa universidade privada, com financiamento parcial da empresa (50%). Formou-se em 1989 no IT, obtendo o diploma de técnico em Eletrotécnica em 1996. Filho de uma família inteira de metalúrgicos, 4 dos seus cinco irmãos também estudaram no IT, por orientação do pai. Walmir tem uma noiva e valoriza extremamente a vida cultural, especialmente a música. Gosta de tocar violão, fez

curso de dança de salão e gostaria de fazer teatro, se tivesse tempo. Ele é também um amante e defensor da cultura brasileira, de cuja riqueza fala com extremo orgulho, desprezando os que não a conhecem e amam e preferem produtos estrangeiros. Eleitor convicto do PT e do Lula, também se declara muito sensível às questões ligadas ao meio-ambiente. Assim como a noiva, está muito esperançoso com o governo do PT, com a eleição de Lula para a presidência em 2002. Walmir valoriza muito bons papos, com gente inteligente e bem informada e adora fazer isso em botecos com boa música ao vivo ou passar horas ouvindo a noiva e o cunhado cantando ao violão. Com tudo isso, Walmir está um tanto insatisfeito com o trabalho, o que, na verdade, já vem-se acumulando a muitos anos, ao longo de suas diversas experiências profissionais, marcadas pelo autoritarismo das chefias, pela desvalorização do trabalhador, pelas tarefas desinteressantes e pela falta de perspectivas de melhoria. Seu maior problema hoje é a falta de tempo, pois luta para conciliar o trabalho e as grandes exigências do curso de engenharia. Por causa do trabalho, teve que abandonar o curso por muitos anos. Não tem pretensões de alçar postos de chefia, parecendo mesmo desprezá-los ou, pelo menos, desprezar quase todos os ocupantes desses cargos com quem já lidou.

20. Welber

Sétimo dentre os oito filhos de pai metalúrgico e mãe do lar, formado Técnico em Mecânica pelo IT em 1986, Welber tem 33 anos de idade e trabalha no setor de compras da micro-empresa do irmão, no ramo de caldeiraria, onde ganha cerca de 8,3 salários mínimos. Começou a trabalhar aos 12 anos, como engraxate. Formado em Administração de Empresas em uma universidade privada, Welber é uma pessoa muito preocupada com a situação do país e com a participação de todos e de cada um na construção de uma sociedade mais justa. Entretanto, não vê canais que possam absorver essa participação e acredita que as pessoas carecem, em geral, de maior formação humana e política, pois a escola não tem oferecido isso. Mesmo assim ele acredita que os jovens de hoje estão mais críticos e bem informados do que antes e acha que o bem é mais poderoso do que o mal e há de sobrepor-se, pois “a maioria são os trabalhadores” e “nada vai vir de graça dos grandes pra gente”. Welber é o último filho solteiro que mora com a mãe e isso faz com que ele repense constantemente a possibilidade de casar-se. É católico praticante gosta de filmes europeus e evita os sucessos de bilheteria americanos. Era eleitor do

PT e do Lula, mas em 1998 votou nulo, decepcionado com a atuação do PT no executivo. Não tenho dados sobre sua posição nas eleições de 2002.